

UBIRAJARA MACHADO/DIVULGAÇÃO/CIDADES



O que impede uma evolução mais sistemática do mercado é a falta de uma política orçamentária de subvenção por parte do governo, o que daria mais previsibilidade às seguradoras

Ano completamente atípico: área segurada será menor

O mercado de seguros rurais atingiu números recordes em 2021, alcançando 14 milhões de hectares, o que equivale a 20% de área segurada. Além disso, o segmento pagou R\$ 200 mil em apólices e atendeu cerca de 120 mil produtores. Pois os números deste ano ainda nem fecharam e alguns recordes de 2021 já foram superados. E bem superados.

Por exemplo, no acumulado de todo o ano passado, as seguradoras pagaram pouco mais de R\$ 5,45 bilhões em indenizações subvencionadas. No entanto, entre janeiro e julho de 2022, as seguradoras já pagaram mais de R\$ 8 bilhões em indenizações.

A projeção do governo federal é que 2022 feche com um valor segurado muito mais alto do que em 2021, mas uma área segurada muito menor do que os 14 milhões de hectares recordes do ano anterior.

Segundo as projeções, talvez a área segurada não chegue nem à

metade. “Essa atipicidade acontece tanto por problemas das seguradoras quanto do governo. O valor segurado subiu demais, isso faz com que a capacidade das seguradoras em atenderem a mesma demanda de 2021 não seja a mesma, assim como o governo também não tem capacidade de subvencionar todo mundo”, diz o diretor do Departamento de Gestão de Riscos da Secretaria de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pedro Loyola.

Conforme ele, o Brasil está vindo de dois anos de catástrofes climáticas para o campo, o que gerou, na sua opinião, pagamentos absurdos de indenização por parte das seguradoras.

“Nós tivemos lavouras que chegaram a dobrar de preço. Isso tem um impacto muito grande no mercado e no programa do governo de subvenção”, acrescenta.

No entanto, reitera Loyola, um dos principais problemas do

mercado de seguros rurais é que ele não apresenta, desde 2006, uma evolução crescente e gradual, mas sim períodos de inércia, seguidos de picos, o que faz com que a área segurada média no País oscile entre 5% e 10%, mesmo com os números expressivos do ano passado.

Segundo Loyola, o que impede uma evolução mais sistemática do mercado é a falta de uma política orçamentária de subvenção por parte do governo, o que daria mais previsibilidade às seguradoras e garantia aos produtores rurais.

Desde que foi criado, o programa de subvenção do governo federal não é uma despesa obrigatória do orçamento.

“Os produtores só vão contratar e as seguradoras só vão oferecer se houver subvenção do governo que reduza os custos deste seguro, que é essencialmente caro”, conclui o diretor do Departamento de Gestão de Riscos da Secretaria de Política Agrícola do Mapa.

Solução significa capital para o produtor

Além de salvar o produto afetado por questões climáticas, o seguro, em momentos de dificuldade, cumpre uma função social no campo. Essa é a interpretação de Marco Antônio Zanella Fortuna, da Solaris Corretora de Seguros.

“Principalmente em um estado como o nosso, que depende muito do agro. As seguradoras e resseguradoras injetaram milhões na economia. O produtor conseguiu pagar o posto de gasolina, a oficina, a empresa de insumos, fazendo com que a economia não sofresse tanto”, exemplifica Fortuna, citando a estiagem.

Segundo o empreendedor, quem possuía seguro agrícola nesse ano conseguiu se manter na atividade, até porque o custo de implantação de uma lavoura triplicou em relação à safra 20/21. “Em regiões como São Borja, vários produtores não colheram nada, zero sacas. O produtor sem seguro ou não vai ter crédito para plantar nesse ano,

o que o fará sair da atividade, ou vai levar anos para pagar”, afirma. A Solaris, que tem 52 anos e trabalha em todos os ramos de seguros, aposta no setor agrícola há duas décadas. “O seguro deve ser tratado como um insumo igual a qualquer outro, como fertilizantes ou sementes”, sugere.

ARQUIVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO/JC



Marco Antonio Zanella Fortuna, da Solaris Corretora de Seguros